

NOVE, NOVENA, SINFONIA DE SINOS E SILÊNCIOS

HUGO ALMEIDA

Mergulho criador, marco na literatura brasileira, *Nove, novena*, de Osman Lins, tem encantado leitores e estudiosos desde a publicação, em 1966. Os primeiros artigos e estudos sobre o livro já atestavam a originalidade e a beleza dessas narrativas que inauguram a segunda fase da ficção osmaniana. Ensaístas como Anatol Rosenfeld, Benedito Nunes, João Alexandre Barbosa e, mais tarde (ainda em ordem alfabética), Ana Luiza Andrade, Ermelinda Ferreira, Regina Igel, Sandra Nitrini e diversos outros analisaram inumeráveis aspectos dos textos. Alguns deles: o virtuosismo e a dimensão cósmica, a multiplicidade de vozes narrativas, o uso de símbolos gráficos, a musicalidade e o ornamento, a contribuição do novo romance francês na fatura literária etc. Uma rápida pesquisa na internet dá ideia da variedade e riqueza desses e outros estudos. Como toda grande obra literária, *Nove, novena*, que completa neste ano meio século, revela-se ainda instigante e guarda segredos.

Não se pretende, neste artigo, decifrar inteiramente *Nove, novena*, tarefa para sempre impossível. Em *A rainha dos cárceres da Grécia* (1976), Osman Lins já alertava: “O homem que remove a terra acumulada sobre uma civilização e interroga as suas ruínas assemelha-se aos que, recusando o mundo inesgotável, curvam-se ante uma obra de arte e tentam penetrá-la. A diferença entre um e outro é que a civilização exumada talvez se esgote um dia”. A intenção, aqui, é apenas a de ampliar um pouco o muito que já foi escrito sobre os mistérios de *Nove, novena*.

Como adianta o título, o volume reúne nove narrativas (designação que o autor preferia a conto, pois vai além da história curta tradicional) e evoca a esfera do sagrado, mas não se restringe a isso. Engloba as aflições do homem na Terra e sua inquietação diante do eterno, do mistério. É vasta a simbologia do número nove, desde o mal, o coroamento de esforços, o término de uma criação, até a plenitude. *O Dicionário de símbolos*,

de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, que Osman Lins conheceu no original francês, traz duas páginas e meia sobre o nove, símbolo “da solidariedade cósmica e da redenção”. Vale a pena citar este pequeno trecho do *Dicionário*: “Os egípcios denominavam o número nove a *Montanha do Sol*: a grande novena estava formada pela evolução nos três mundos, divino, natural e intelectual, do arquétipo trinitário Osíris-Íris-Hórus, representando a Essência, a Substância e a Vida”. Em *Poéticas em Confronto – Nove, novena e o novo romance*, Sandra Nitrini chama a atenção para o aspecto artificial, ideal, intelectual e alegórico, bem como a relação entre homem, natureza e cosmos presentes em “Retábulo de Santa Joana Carolina”, narrativa central do volume.

No primeiro texto de *Nove, novena*, “O pássaro transparente”, o autor parece aproveitar a metáfora do título ao revelar, com sutileza, “o curso das conexões secretas” do livro, como diria Vladimir Nabokov (“A arte da literatura e o senso comum”, em *Aulas de literatura*). Não se trata de um bloco de textos isolados. Se assim o fosse, não seria obra de Osman Lins. Todos têm elos de múltiplos fios, ecos, reverberações conscientes. No voo de criação, Osman Lins não admitia o acaso, mas ao mesmo tempo lembrava que muitas vezes a obra literária é obscura para o próprio autor.

No início de “O pássaro transparente”, um menino se dirige a um gato (“andas mansinho, és um silêncio andando”) e gaba-se de ser superior a ele: “vou viver cem anos [...] gritarei bem alto, voz de sinos”. Silêncio e sinos vão atravessar todo o livro, a exemplo de instrumentos musicais – como saxofone, oboé, rabeca, címbalo, piano e órgão – e sons da natureza, de coros, orquestras, cantorias, cantos de pássaros. O silêncio é um prelúdio de abertura à revelação, abre uma passagem, houve um silêncio antes da criação, o silêncio é uma grande cerimônia, o silêncio envolve os grandes acontecimentos, haverá um silêncio no final dos tempos. É necessário lembrar ainda alguns significados do sino: o som do sino dissolve as limitações da condição temporal; tem o poder de



exorcismo e purificação; seu badalo estabelece a ligação entre o céu e a terra. Um toque de Chevalier e Gheerbrant também sobre música, presente em *Nove, novena*: “O recurso à música, com seus timbres, suas tonalidades, seus ritmos, seus instrumentos diversos, é um dos meios de se associar à plenitude da vida cósmica” [...] “O cosmo é um magnífico concerto”.

O menino do primeiro texto do livro sonha em ser um grande poeta, mas falta-lhe fibra, repete “a vida sem amor nem aventura” do pai e torna-se um adulto frustrado. Já a namorada da adolescência, pintora de um pássaro transparente com olhos de gente (“via-se o pássaro e o coração do pássaro”), alcança o sonho de ser artista e está prestes a atravessar o Atlântico para estudar na Espanha. Que o leitor busque, no livro, os contrastes e as belezas da história. Mas é bom registrar agora: além de sinos e silêncio, o texto traz outras palavras, como *eterno* e *sagrado*, que ligam as narrativas de *Nove, novena*. E existe uma simetria entre os textos, com o “Retábulo” ao centro. Como na primeira parte da *Quinta Sinfonia* de Beethoven, “O pássaro transparente” apresenta os personagens da história: o rapaz e a moça, divididos em dois temas: heroico e grandioso (ele lembrava o que certo poeta disse a uma namorada: “Eu sou Goethe”) e o segundo, lírico e suave (a pintora e seu quadro).

Os outros movimentos, contudo, não obedecem rigorosamente a sequência a *Quinta* de Beethoven. Por exemplo, a conciliação (“Um ponto no círculo”) aparece antes do duelo (“Os confundidos”). A variação da intensidade dos movimentos (música rápida e enérgica; mais lenta e intimista; dança agitada e triunfal) pode ser encontrada em várias narrativas. E estão presentes em *Nove, novena* as quatro categorias de instrumentos executados numa sinfonia: de sopro metais (trompa); sopro madeira (oboé), corda (piano) e percussão (triângulo). Não se pode dizer, contudo, que Osman Lins usou, em *Nove, novena*, a estrutura sinfônica clássica. Que ele fez do texto música, não há dúvida.

Já a segunda narrativa, “Um ponto no círculo”, que trata de um encontro amoroso de dois jovens, começa a ampliar a musicalidade, duas vozes em contraponto, e as conexões no livro. Há no texto palavras como sinos, silêncio, hino, dança, e “olho de vidro”, que vê o eterno. O texto é sensual, mas em linguagem simbólica e elegante. Para quem ainda não o leu, ficam aqui, como um convite, as primeiras frases: “Mulher nenhuma, até ontem, desatara os cabelos para mim. Lembro-me de quando ouvi, adolescente, um concerto de trompa, instrumento que acreditava destinado a papel secundário nas orquestras”. O encontro, casual, silencioso, é entre um rapaz e uma moça que chega extraviada ao quarto dele numa pensão. “O morador do quarto, sem dizer palavra, levantou-se. Lado a lado, parecemos na sala de uma exposição...” Aos curiosos: o episódio aconteceu com o próprio escritor quando solteiro, revela Lauro de Oliveira em “Osman Lins: ética na vida e na ficção” (*Osman Lins: O sopro na argila*). A trompa da abertura do texto reaparece quase no fim, com mais de um sentido: o instrumento musical de sopro e o canal que liga o útero aos ovários – “...a lembrança da trompa e de suas possibilidades, ambos ressoamos de prazer”. O personagem narrador lembra que tantas coisas mudaram, “e o hino [júbilo amoroso, o leitor percebe] era o mesmo”. A “orquestra” do início não poderia ser também o organismo da mulher?

Uma “orquestra” com pífano, banjo e triângulo entra em cena em “Pentágono de

Hahn”. A elefanta do título desfila em cidades do interior pernambucano, Vitória e Goiana, ao som da “Marcha Triunfal”, da *Aída*, de Verdi, dança trechos do *Danúbio Azul* e se apresenta no circo, para alegria dos moradores. A narrativa traz ainda marcação musical, com símbolos gráficos indicando a entrada dos personagens, e está pontilhada de hino sacro, canto de galos e silêncios. *Allegro ma non troppo*. Uma bela festa, com forte apelo visual, mas não deixa de contrapor “o amor impossível” de um adolescente, Bartolomeu, e uma mulher casada, Adélia – pode-se notar aí o triângulo da “orquestra”, em nova polissemia, como trompa em “Um ponto no círculo”. Eles mal se podem ver “face a face”. O texto trata ainda da exaltação da vida e da arte: “Atravessa o mundo e suas alegrias,

O volume reúne nove
narrativas (designação que
o autor preferia a conto,
pois vai além da história
curta tradicional) e evoca
a esfera do sagrado, mas
não se restringe a isso.
Engloba as aflições do
homem na Terra e sua
inquietação diante do
eterno, do mistério.

procura o amor, aguça com astúcia a gana de criar”. Fica o aviso: este parágrafo é apenas uma leve ideia da beleza da história, na qual Hahn e Adélia parecem se fundir.

Na narrativa seguinte, “Os confundidos”, sons e silêncios pontuam o diálogo de um casal no auge da crise de desconfiança (“navalhas da suspeita”) e ciúme, o duelo da sinfonia. No entanto, aqui os sons são de outra natureza (o rumor de veículos que ascende, como reaparecerá mais tarde no início de *Avalovara*, de 1973, da cidade que não dorme, o ruído seco da tampa de um isqueiro fechado num golpe decidido) e o silêncio, “espesso, amortecedor, palha e serragem entre objetos de louça”. Homem e mulher se confundem (“Estamos de mãos dadas, qual destas mãos arde?”; “Não sei mais quem sou”). A mulher busca um homem

que lhe ofereça “um pouco de paz” e acaba por descobrir que, “para ter-se a verdade sobre alguém, seria preciso ver o seu espírito. E isto é impossível”.

Será difícil encontrar apresentação melhor para o “Retábulo de Santa Joana Carolina” do que estas palavras de Leyla Perrone-Moisés: “A meu ver, *Nove, novena* é simplesmente uma obra-prima, um dos maiores livros da literatura brasileira de todos os tempos, o que ainda não foi suficientemente valorizado. [...] E a obra-prima dentro da obra-prima é o ‘Retábulo de Santa Joana Carolina’” (“Osman Lins, forma e fôrma”, em *Cerrados* nº 37, Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília, UnB). Anatol Rosenfeld escreveu sobre o “Retábulo”: “É um dos mais belos cantos já devotados por um escritor nordestino ao povo de sua terra, flagelado por poderes impiedosos, tanto naturais como humanos” (“Os processos narrativos de Osman Lins”, em *Letras e leituras*).

Não é à toa, portanto, que essa narrativa dá título à edição francesa de *Nove, novena*, publicada em 1971 pela Deonêl/Les Lettres Nouvelles. Dividido em doze mistérios, o “Retábulo” conta a história de uma professora no sertão nordestino e “privilegia o tema do ‘amor cristão’ [...], ‘sem descuidar de outras faces de Eros’, observa Marisa Simons, em “‘Retábulo de Santa Joana Carolina’: a dimensão da humanidade” (revista *Literatura e Sociedade* nº 10, USP, 2007). Em “Palavra feita vida”, posfácio da quarta edição de *Nove, novena* (Companhia das Letras, 1994), José Paulo Paes lembra que a “designação de ‘mistério’, em vez de capítulo, sublinha a aura de religiosidade infusa na narrativa desde o seu título”.

A história de Joana Carolina, nome da avó paterna de Osman Lins, se desenvolve em mais de 50 páginas entre o badalar de sinos, o som do hino das mulheres, silêncio pontilhado de gritos, além de alusões ao infinito do cosmo, às profundezas dos oceanos, à rica diversidade da natureza e à difícil vida da professora rural. Abre cada mistério uma espécie de coro do teatro grego, ora semelhante a prece, ora qual poema concreto, como o 7º e o 9º (mas Osman Lins, escritor independente e alheio a modismos, recusou-se a aderir ao Concretismo). A entrada das personagens é precedida de símbolos gráficos, às vezes sobrepostos, quando a fala é no plural. Joana Carolina encarna a bondade e o amor cristão, mas não deixa de ter outros sentimentos humanos, como medo, cólera, e revolta contra a injustiça. Socorre um jovem casal em fuga (“eu também amei”) e, mesmo viúva, não cede ao pedido de casamento do senhor das terras em que vive: “... muito me honra a sua proposta, amável e generosa. Ela significa, se eu a aceitasse, amparo e estabilidade pelo resto dos meus dias. Mas, então, o que seria de minha alma?”. No leito de morte, Joana confessa: “Padre, muitas vezes desejei matar” [...] Tenho medo, padre”. Ele percebe então que “Joana Carolina ia afinal adormecer em Deus” e passa a rezar alto, “com mais fervor”. No mistério final, pessoas humildes, com nomes de árvores, flores e bichos, levam, em silêncio, o corpo de Joana ao cemitério.

Sinos dobram em “Conto barroco ou unidade tripartita”, história de um crime em Congonhas, Ouro Preto ou Tiradentes, que lembra a traição de Judas, entre outras passagens bíblicas. Aqui, os pássaros não cantam.

O silêncio é soturno; e alguém fala “numa voz de sótão”. “Não se ouvem latidos nem cantos de galo.” Assassino e delatora caminham “lado a lado”, em situação bem diversa do casal de “Um ponto no círculo”. Pouco antes do tiro fatal, o som que se ouve é “do trote do cavalo”, das rodas leves da “aranha girando sobre o calçamento, ao mesmo tempo que os sinos das igrejas batem uma pancada”.

A atmosfera muda na história seguinte, “Pastoral”, uma bonita e triste história de um adolescente, Baltasar, e Canária, uma égua. Reaparece a palavra hino, aqui como promessa de amor. Há vários momentos de grande lirismo, como a referência a “seis mulheres de Goiana, estranhos bichos não existentes no sítio (duas sentadas no banco, no rosto sobre as mãos, a terceira de pé, ao sol, prendendo os cabelos [ao contrário da moça de “Um ponto no círculo”], outra de olhos no espaço, reclinada no sofá, sozinha, braços estendidos no espaldar, e duas desfolhando cravos sobre o morto), e para estas que eu desejaria ter seis olhos”. Essa passagem parece dialogar com o poema “Balada das três mulheres do sabonete Araxá”, de *Estrela da manhã*, de Manuel Bandeira, pernambucano como Osman Lins. Vejamos mais um trecho: “Como são bonitas! Poderiam talvez brincar comigo, rolar nas folhas, dormir na minha cama. Isto que parece um coro de cigarras, seis cigarras cantando, é o perfume de minhas seis goianenses”. Osman Lins dobrou o número das mulheres da balada de Manuel Bandeira – e a soma delas (três mais seis) dá nove... Seria apenas coincidência num livro que leva o nove no título? Outra passagem poética: “Um de florões vermelhos, outro cor de mel, um vestido branco de menina, todos na corda, ondulando. Parecia conversa de vestidos”.

A penúltima narrativa, “Noivado”, que se articula especialmente com a segunda, “Um ponto no círculo”, e com “Os confundidos”, talvez seja a mais musical e canora de *Nove, novena*. Nela, outro casal não se casa, reaparecem “olhos de vidro”; há um piano, címbalos e guizos, campainhas soam “com alegria” no silêncio da sala, ouvem-se vozes da noite, cantores do verão. Há igrejas e capelas. Na página final, uma apoteose de sons de insetos – grilos, mosquitos, besouros –, além de rumores de sinetas, guizos, maracás, brinquedos de corda, balança de criança “rangendo compassadamente em sombreados galhos de mangueira”. O enredo? Melhor ir ao livro.

“Perdidos e achados”, que narra o desespero de um pai com o sumiço do filho na praia, fecha o volume. É uma história sobre buscas e perdas, ao som de rebecka, órgão, sino e silêncios. O sino de uma igreja bate nove horas. *Nove, novena*. O final fica em aberto: quando o pai chega em casa, acompanhado de “coros invisíveis”, não escuta “o mínimo rumor” – o silêncio que antecede grandes acontecimentos?

Poético, musical, cristalino e cheio de nuances, embora sem malabarismos, o texto de Osman Lins exige um leitor atento, mas não deixa de ter leitura fluente, ao contrário do que acreditam os leitores pouco afeitos à literatura que não seja realista ou jornalística. Em *Nove, novena*, como em *Avalovara* e *A rainha dos cárceres da Grécia*, percebe-se o quão complexa é uma obra literária elaborada com paciência, rigor e método, consciência e liberdade artística. Trabalho de ourives, artesão e maestro. Uma sinfonia.



HUGO ALMEIDA

mineiro residente em São Paulo desde 1984, organizou o volume de ensaios *Osman Lins: o sopro na argila* (Nankin, 2004). É autor de vários livros, entre eles os romances *Mil corações solitários* (Prêmio Nestlé-1988). Atualmente escreve *Voz de sinos*, sobre a obra de Osman Lins, do qual o artigo acerca de *Nove, novena*, ampliado, fará parte.